

Sena & Sophia: centenários / [António Pedro Pita... [et al.]];
organização Gilda Santos, Luci Ruas, Teresa Cristina Cerdeira. – 1.
Ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.



Sena & Sophia: centenários é uma reunião de ensaios em comemoração ao nascimento de Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen, duas figuras cujas obras constam entre as mais importantes da literatura em língua portuguesa do século XX e de todos os tempos. A coletânea, fruto do evento ocorrido em 2019 no Rio de Janeiro, conta com estudiosos de outros países além de Portugal e Brasil, pesquisadores que, com rigor, inventividade e originalidade,



A revista *Metamorfoses* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

Metamorfoses, Rio de Janeiro, vol. 17, número 2, p. 303-307, 2021

revitalizam temas e examinam tanto textos consagrados quanto outros menos conhecidos. Trata-se de um volume denso de estudos que enriquecem a fortuna crítica sobre esses dois autores tão importantes para se pensar o panorama estético, cultural, social e político – não só da época, mas também atual – sob um viés universalista, atento à história da humanidade, ao presente e à potência transformadora inerente ao homem.

Além de explorar temas, imagens, estratégias de linguagem, os ensaios repercutem de ambos a mundividência e a concepção de poesia. No texto inaugural da coletânea, Teresa Cristina Cerdeira – uma das organizadoras do livro, junto a Luci Ruas e Gilda Santos – apresenta questões fundamentais à compreensão desses poetas, como a serenidade ousada e vigilante de Sophia e a vivacidade amargurada de Jorge de Sena, que oscila entre um vigor utópico e um desalento dubitativo. Esses traços são semelhantemente percorridos por Luís Filipe de Castro Mendes, que pondera que a visão de mundo agônica de Jorge de Sena não se exime de uma altivez positiva que nega a desfiguração do humano; ele ainda adverte que a aceitação da vida por parte de Sophia não implica um alheamento, mas um reconhecimento e um enfrentamento da nebulosidade do mundo. Esses dois textos introdutórios, como outros, ressaltam devidamente a peculiar noção de testemunho envolvida no trabalho poético de Jorge de Sena, a qual demanda do poeta uma atenção ética e estética, semelhante à concepção andresiana da poesia como um convívio integral do poeta com o que o cerca, do ser sempre à disposição da escuta do real. Os seguintes títulos das sessões do livro, “Sena: ‘capitão de tempestades’” e “Sophia: no esplendor da maresia”, evocam a imagem do mar, emblemática na cultura e na literatura portuguesas, e indicam características do movimento do fazer poético, que cada um desempenha.

Tempestuosos são muitos textos senianos. E a obra, volumosa e intempestiva. Diante da brutalidade do mundo, Sena conduz, com liberdade e ímpeto, sua existência e seus trabalhos literários, escreve por dignidade, com rigor e ironia, perpassando turbulências advindas de obstáculos e limitações morais, culturais, políticas e materiais. Ler Jorge de Sena é também adentrar as intempéries políticas que se precipitam em sua trajetória e que o obrigam refazer sua rota. Sena torna-se duplamente exilado devido a perseguições e censuras que, em 1959, no contexto opressor do Estado Novo, o levam a fazer morada no Brasil, até 1965, quando, para escapar da ditadura instaurada no ano anterior, se transfere para os Estados Unidos.

A perspectiva política orienta a investigação de Antônio Pedro Pita sobre o volume *Maquiavel e outros estudos*, a qual mostra como existe uma sintonia entre os fundamentos da visão de Jorge de Sena – perceptíveis em diversas declarações e na sua produção literária – e seu trabalho de crítico da literatura e da cultura, sempre atento às peculiaridades circunstanciais das obras e capaz de interpretar nexos históricos para além de suas contingências locais e temporais, fiel à mutabilidade do real, ao devir histórico. Jorge Vaz de Carvalho traz ao lume a insubmissão estética e ideológica do poeta a correntes literárias, numa abertura às experimentações postas em prática, como é o caso do Surrealismo, mas não submisso a preceitos seus, pois Sena compreende o gesto poético como um ato de liberdade. O ensaísta faz ecoar poemas que cantam

a liberdade, como “Cantiga de abril”, e dá corpo ao alerta sobre a necessidade de sua vigilância constante, como é enfaticamente apontado no “Poema do 28 de maio ao contrário”, cujo verso final, “(...) a Justiça/ é a Liberdade que pensa mais nos outros que em si/ mesma”, é significativo para a compreensão da dimensão ética da obra seniana, a qual também encaminha a poética de Sophia.

Marcelo Pacheco Soares realiza uma leitura política da temática natalina e Margarida Braga Neves faz incursões, nesse sentido, pela imagem da casa em algumas narrativas senianas. Silvio Renato Jorge sublinha as marcas do discurso fascista contra as quais Sena, desconstruindo valores atrelados à imagem heroica do povo português, sugere uma ideia de comunidade contrária à necropolítica. Luís Maffei, em diálogo com Sena, critica a pornografia fascista da linguagem de líderes políticos da realidade contemporânea brasileira. Sabrina Sedlmayer traz à vista a negatividade seniana, que tensiona a negatividade do mundo, num movimento positivo de revolta, que critica, entre outras questões, o ufanismo, a ideia artificial de nação e a sacralização da terra natal. António Carlos Cortez, em sua bela leitura comparativa com Gastão Cruz, discorre sobre a demanda de *eros* em *Sobre esta praia... Oito meditações à beira do Pacífico*. Além de reforçar a ideia diversificada de testemunho que subjaz à poesia de Sena, ele aponta para o fato de que o poeta é um exilado não só da pátria, mas de si mesmo. O erotismo – muito explorado por Sena e de modo provocativo – aparece no texto de Horácio Costa, que perquire a implicação do corpo do leitor e do autor no texto, explorando a novela *O físico prodigioso*. Leituras instigantes são também a aproximação aparentemente inusitada entre Sena e Natália Correia, feita por Jorge Vicente Valentim; a leitura da intrigante presença demoníaca no poema “Homenagem a Sinistrari (1622-1701), autor de ‘Demonialitate’” feita por Lucas Laurentino de Oliveira; e o ensaio de Luciana Salles, que constrói interlocuções com a figura de Artemidoro de Éfeso, interpretador de sonhos, e com os mitos de Narciso e Orfeu, mostrando marcas da cultura grega em Sena.

A proximidade de Sophia com a Grécia é com frequência perscrutada, como nas conexões feitas por Silvana Maria Pessôa de Oliveria entre a poeta e o brasileiro Murilo Mendes. A poética da escuta de Sophia é associada à invocação das musas por Maria Silva Prado Lessa, e Vilma Arêas ressalta que, na sua arte, na despersonalização e na “perseguição do real”, existe uma dialética clássico/anticlássico. Sophia abre a poesia à convivência natural entre os homens e os deuses, as palavras e as coisas, o som e o silêncio, a literatura e a política, os seres e o cosmos, o paganismo e o catolicismo, na busca perceptiva da justeza e da justiça, tanto estética quanto ética.

Eucanaã Ferraz, no ensaio sobre a passagem de Sophia pelo Brasil, recorda sua descrição do céu roxo da madrugada no Recife, quando desembarca do avião. A paisagem é plasticamente explorada e estendida a toda uma intensa atmosfera, que instiga os sentidos não só das palavras, mas do corpo, para além da visão. Nessa viagem, Sophia tem oportunidade de ter contato com intelectuais e poetas brasileiros e de experimentar encontros sensoriais com a terra, com a

cultura e com a língua portuguesa falada no Brasil. O ensaísta perquire também as atribuições políticas por que passava o país com a Ditadura Militar, que acarretava censuras e graves atentados contra a vida. O poema andresiano “Brasil 77” é evocado nesse sentido e atesta a preocupação de Sophia quanto às injustiças e torturas sofridas no país num momento em que a ditadura ainda vigorava e Portugal apenas iniciava o reestabelecimento da democracia inaugurada pela Revolução dos Cravos.

Sophia faz oposição severa ao apoio que as instituições religiosas servem aos regimes fascistas, e afirma os ideais humanistas do catolicismo, numa intervenção contra a sua deterioração nos âmbitos moral e político. Como bem recorda o italiano Federico Bertolazzi, a religiosidade, para Sophia, como católica, não pressupõe um dogmatismo moral, uma ortodoxia, mas conjuga imanência e transcendência em um movimento poético que faz ecoar o real para além dos limites da vida cotidiana, assim como a maresia se dissipa e transpassa os limites do mar pelo ar, elevando-se sobre o peso que prende a água ao chão. “No esplendor da maresia”, Sophia concentra a leveza dispersa e respirável do mundo, numa constante audição de imagens, dentre as quais se destaca a paisagem do mar, alternância entre rumor e silêncio, tão íntima à poeta, que incorpora uma escuta ao que é visto no processo do acontecimento do poema, como lembra Constance Von Krüger – ideia que vai ao encontro da visão de Carolina Anglada, que entende a poesia de Sophia como uma aventura que põe em questão a existência, num contato com o real desnudado pelas palavras.

Enquanto pensadores da cultura, Sena e Sophia transitam pela literatura universal, como nas operações – não só linguísticas, mas também culturais – que envolvem o trabalho de tradução a que ambos se dedicam. O papel de tradutor de Jorge de Sena, com Kaváfis e Dickinson, por exemplo, reverbera seu empenho como crítico e difusor das culturas e das literaturas estrangeiras em outras línguas, como lembra o texto de Joana Meirim. Diversos ensaios exploram considerações de Sena e Sophia sobre escritores brasileiros, como Manuel Bandeira, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa e Machado de Assis.

A leitura de Luci Ruas dos contos “O rapaz de Bronze” e “A fada Oriana” mostra a riqueza ética dos escritos de Sophia e aproxima a percepção sensorial da poeta à de Cecília Meireles, que igualmente se dedicou a contos para a infância. A aproximação com a brasileira também ocorre, por exemplo, nos textos de Jorge Fernandes da Silveira e Susana L. M. Antunes. Bertolazzi salienta que as reflexões sobre outros escritores (como a respeito de Ruy Cinatti, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, Dante Alighieri) evidenciam fundamentos de sua própria poética. Isso como ocorre nos ensaios críticos de autoria de Jorge de Sena, reconhecido por seus estudos inovadores sobre Camões, e preocupado com a renovação urgente da crítica literária. O texto de Ida Alves chama atenção para a contribuição crítica de Jorge de Sena aos estudos literários brasileiros e os diálogos destes com a literatura portuguesa. Suas entrevistas, como ressalta José Cândido de Oliveira Martins, têm um lugar importante no estudo de Jorge de

Sena como um hermenêuta, que defende a independência e a responsabilidade desse gesto, bem como a mobilização por parte do leitor de métodos críticos variados, no intuito da superação do biografismo restritivo, da erudição historicista, das deficiências do impressionismo e das incursões de cunho psicológico.

Percebe-se, portanto, que, além de uma amizade, de uma relação intelectual, dos poemas dedicados um ao outro e das e cartas trocadas – as quais possuem, como afirma Maria Otília Pereira Lage, sob uma ótica dialógica, uma enorme importância histórico-cultural – Sena e Sophia compartilham de princípios éticos e estéticos. Aos diálogos iniciados por Sena e Sophia somam-se as vozes que eles convidam para pensar a literatura e a vida, às quais se juntam ainda as vozes dos leitores e as que os leitores convocam a esse convívio poético, num banquete que transcorre no espaço livre da literatura.

Nathália Valentini
UFMG